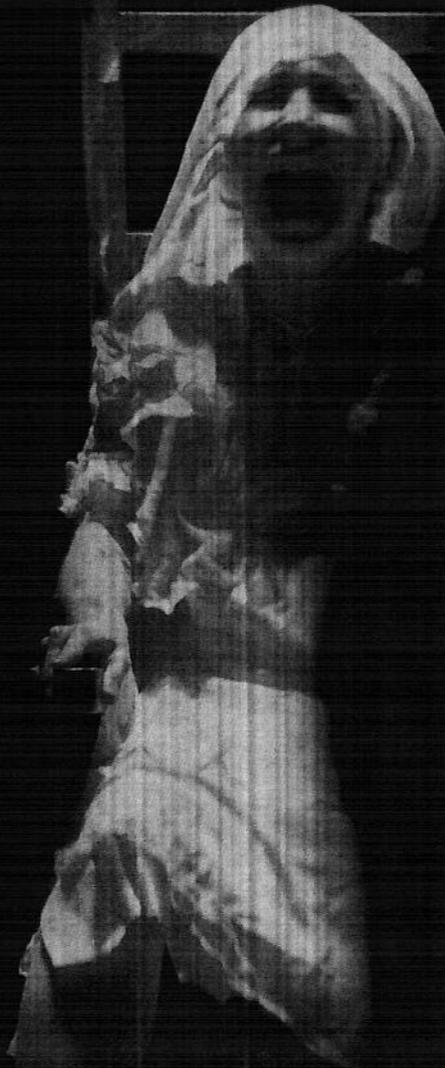


Teatro da Vertigem TRILOGIA BÍBLICA

33,
página

PUBLIFOLHA



Criação
Teatro da Vertigem

Dramaturgia
Luís Alberto de Abreu

Atores
Daniella Nefussi (Mulher de Jó, 1995)
Joelson Medeiros (Sofar, 1997)
Lismara Oliveira (Coro, 1995-6)
Luciana Schwinden (Mulher de Jó, 1998)
Marcos Lobo (Sofar, 1996)
Mariana Lima (Mulher de Jó, 1995-7)
Matheus Nachtergaele (Jó, 1995-7)
Miriam Rinaldi (Elifaz, Coro)
Roberto Audio (Jó, 1998)
Sergio Siviero (Mestre, Eliú)
Siomara Schröder (Sofar, 1995-6)
Suia Legaspe (Coro, 1996)
Vanderlei Bernardino (Contramestre, Baldad)

Músicos
Alexandre Galdino (voz)
Camila Lordy Costa (teclado, voz)
Flávia Campos (voz)
Giovanna Sanches (voz)
José Eduardo Areias (voz)
Miriam Cápua (percussão, voz)
Rita Carvalho (voz)
Roseli Câmara (percussão, voz)

Participaram também da temporada desse espetáculo os músicos:
Adriana Pastorello (voz)
Fabiana Lian (voz)
Magda Pucci (teclado)
Regina Leite (voz)

Composição e direção musical
Laércio Resende

Figurinos e visagismo
Fábio Namatame
Eduardo Oliveira (estagiário)
Stella Bierrenbach (estagiária)
Tina Krug (estagiária)
Maison Lucy França (confeção)

Iluminação
Guilherme Bonfanti
Joyce Drummond (assistente)
Sidnei Rosa (execução do projeto)
Marcos Franja (operador, 1995-8)
Marisa Bentivegna (operadora, 1996)
Joelson Medeiros (operador, 1996)

Ambientação cenográfica
Marcos Pedroso
Sergio Siviero (assistente)

Projeto acústico
Kako Guirado

Coordenação teórica
Ivan Marques

Programa
Jimmy Leroy (design gráfico)
Burritos do Brasil (programação visual)
Lenise Pinheiro (fotografia)
Sergio Siviero (assistente de programação visual)

Convite
Francisco Leopoldo (programação visual)
João Bento (programação visual)
Fábio Carvalho (fotografia)
Yara Goulart (assistente de programação visual)

Assistente de direção
Marcos Lobo

Montagem de luz e cenografia
Agostinho
André Vinicius
Eduardo Justus
Marcos Franja
Nelson Ferreira
Sidnei Rosa

Direção de produção
Marcos Moraes

Concepção e direção geral
Antônio Araújo

Consultoria técnica em
engenharia de segurança
Marcos Ávila

Operadoras de som
Giovanna Sanches
Rita Carvalho

Bilheteria
Cláudia Veloso

Limpeza e zeladoria
Seu José

Divulgação
Canal Aberto (assessoria de imprensa)
Empresa Realizadora (assessoria de imprensa)
Exzoo Produções Artísticas (assessoria de
imprensa)
Eduardo Knapp (fotografia)

Administração e gerência de produção
Orlando Brandão

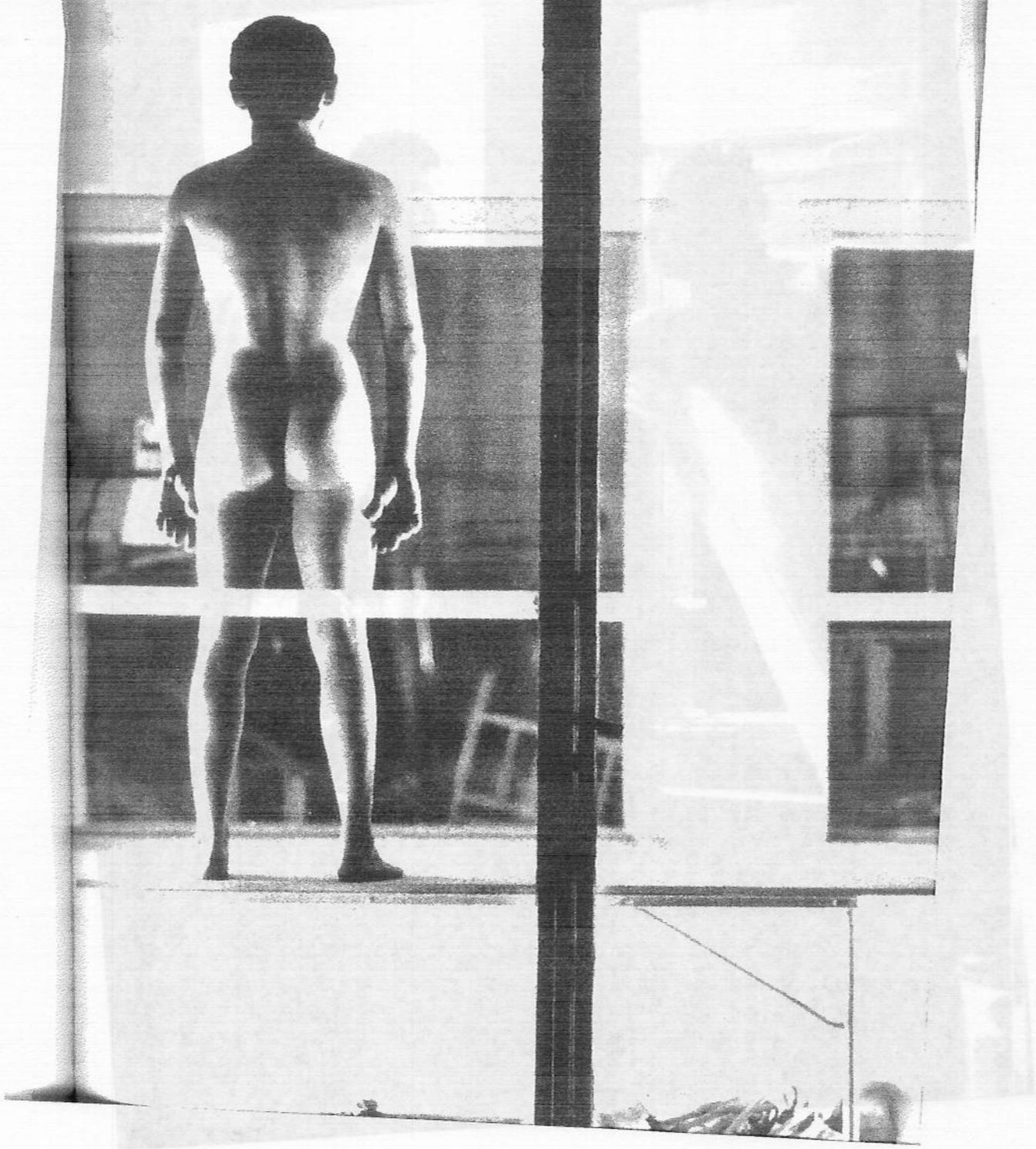
Produção executiva
Anna Leonor Silva Costa
Marcos Moraes
Noêmia Duarte

Assistente de produção
Ricardo Resende

O Livro de Jó foi desenvolvido preliminarmente em parceria do dramaturgo com o diretor durante o ano de 1993, e com a participação de todo o grupo de janeiro de 1994 a fevereiro de 1995. Esse espetáculo estreou em 9 de fevereiro de 1995 no Hospital Humberto Primo, em São Paulo.

Esta peça foi escrita especialmente para o Teatro da Vertigem e para a encenação de Antônio Araújo.

—L.A.A





Cena 1 Exortação Inicial

(A ação se passa num hospital contemporâneo, e Jó talvez seja um doente que a proximidade da morte faz perder a razão. Ou talvez não. Mestre conduz o público, conclama-o à imaginação e rege o coro da abertura.)

Mestre Bem-vindos todos.
Atravessem estes umbrais
E colham toda esperança
Que puderem encontrar.
(Faz uma reverência e cede passagem indicando o caminho.)
Por favor.
Se lá fora a vertigem do dia
Nos arrasta, esgota, extravia,
Tomai este lugar como porto,
Parada, descanso,
Como horto pleno de frutos e sombra,
Um sereno remanso.
(Cruzam com eles dois padioleiros conduzindo um morto.)
A vocês peço somente tragam
O coração e mente
Muito bem enlaçados,
Porquanto um deles entende, o outro sente,
A mente avalia, o coração pressente,
E, se vossa razão aperfeiçoa,
O coração, com certeza, perdoa
A pobreza de nossa narração.
Olhem e vejam com os olhos da alma
A desesperançada calma de homens sem fé.
(Com um gesto, abarca toda a área de representação. Entram padioleiros carregando uma maca com Jó deitado.)
Vejam aqui um deserto
Onde a larga solidão
Queima e calcina,
E a aspereza da pedra
É mestra e ensina
Novas formas diárias de

Desesperança.
Olhem o areal que se levanta ao vento
E rodopia e dança
Como tempestade estéril
E tenta fecundar as cinzas
De almas ressequidas.
O deserto é um vazio, um oco, um não,
Uma ausência já esquecida,
O deserto é uma vasta negação.
E ouçam! Ouçam uma voz
Que dentro dele se afirma,
O sim de uma pequena vida
Que brada e exige a presença de Deus!
(Atores cantam "à boca fechada" uma melodia melancólica.)
É neste deserto que narraremos o drama
De um tempo ido
E de homens tão parecidos
Com os homens de agora.
Andou pelo mundo outrora
Um homem chamado Jó.
Jó *(Sentado na maca.)*
Eu sou Jó,
Aquele que Deus
Encheu as mãos de riqueza,
A casa de filhos
E os dias de prosperidade!
(Matriarca grita para Jó, que se deitava sobre a cama com ajuda dos padioleiros.)
Matriarca E soprou a desgraça,
E secou meus peitos,
E murchou meu ventre!
Eu sou a mulher de Jó,
Aquele que foi plena
E depois foi nada.
Aquele sobre a qual Deus
Fez cair a mão mais pesada.

(Senta-se na cama entre os dois filhos e os abraça.)

Mestre E, antes que me esqueça
E siga a história, informo que
Deus, outrora,
Na aurora dos tempos,
Ainda não estava morto
Como acontece agora.
E Jó caminhava na senda de Deus,
Que não era morto,
Que, às vezes, era tempestade,
Às vezes, porto.
E era o único ser
Que o justo Jó temia.

Contramestre E a vida seguia.
E dizem que, uma única vez, Deus errou.
Moldou do barro estranha figura,
Sobre a massa inútil/inerte se debruçou
E sobre ela soprou.
E o erro de Deus se levantou
E povoou a terra.
Assim diz Satanás, o acusador do homem,
O que nele descrê.
E contam que Deus,
Um dia, reuniu seus filhos.
E Satanás, também filho, compareceu.

Mestre De onde vens?, Deus perguntou.

Contramestre De andar pelo mundo
E aumentar minha certeza
Do fracasso de Sua obra.

Mestre E Deus, que ainda vivia, disse:
Reparou como é fiel e reto
Meu servo Jó?

Contramestre E é a troca de nada?, duvidou Satanás.
Não ergueste uma muralha ao seu redor,
Ao redor de sua casa,
Ao redor de seus bens?



Mas retira tua mão que o ampara,
Retira seus bens,
Sua casa, seus filhos,
E ele arrancará de si
Sua fé. E, como humano que é,
Maldirá o nome de Deus
E rugirá como estúpida fera
Que é, que será e que era.

Mestre E narra a Escritura

Que Deus reponhou e disse: Faça.
Abraça Jó com o mal e a desgraça.

Contramestre E foi assim que um vendaval

Destruiu sua casa,
Fogo do céu destruiu pastagens,
E morte de filhos e rebanhos
Completou a sina.

E um homem em ruínas restou como imagem.

Mestre Mas, por favor, atenção!

Antes que eu prossiga

O narrar contrito, escutem o grito:

(Matriarca emite um grito pavoroso, desesperado. Um de seus filhos começa lentamente a cair ao chão, apesar do esforço dela para sustentá-lo. O mesmo acontece com o segundo filho. Matriarca, desesperada, pede ajuda, beija os filhos e chora acompanhada do coro. Jó ergue-se com dificuldade e olha perplexo ao redor.)

Jó Então Jó se levantou,

Rasgou seu manto,

Raspou sua cabeça,

Caiu por terra,

Inclinou-se no chão e disse:

“Nu saí do ventre de minha mãe

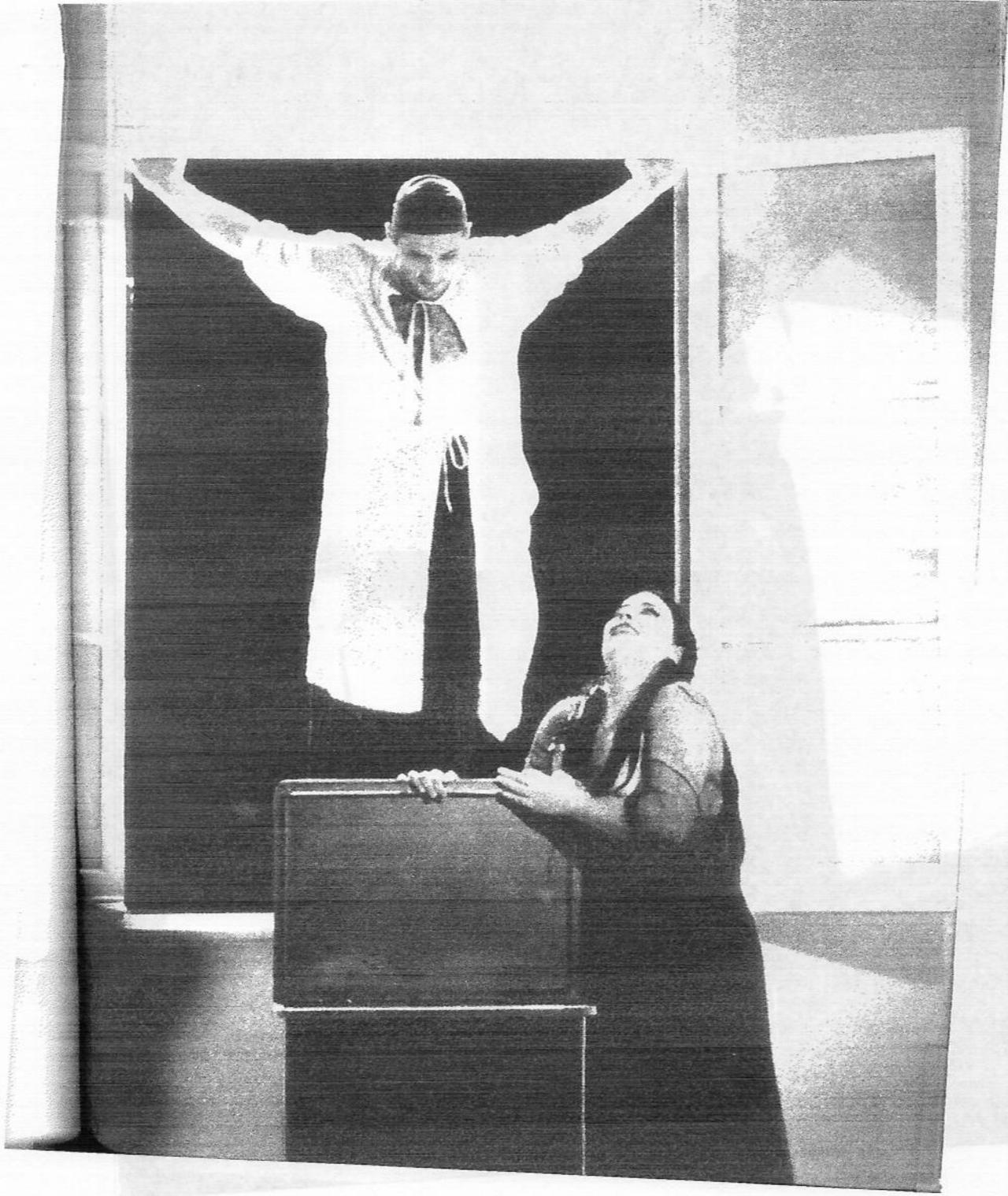
E nu, para lá, voltarei.

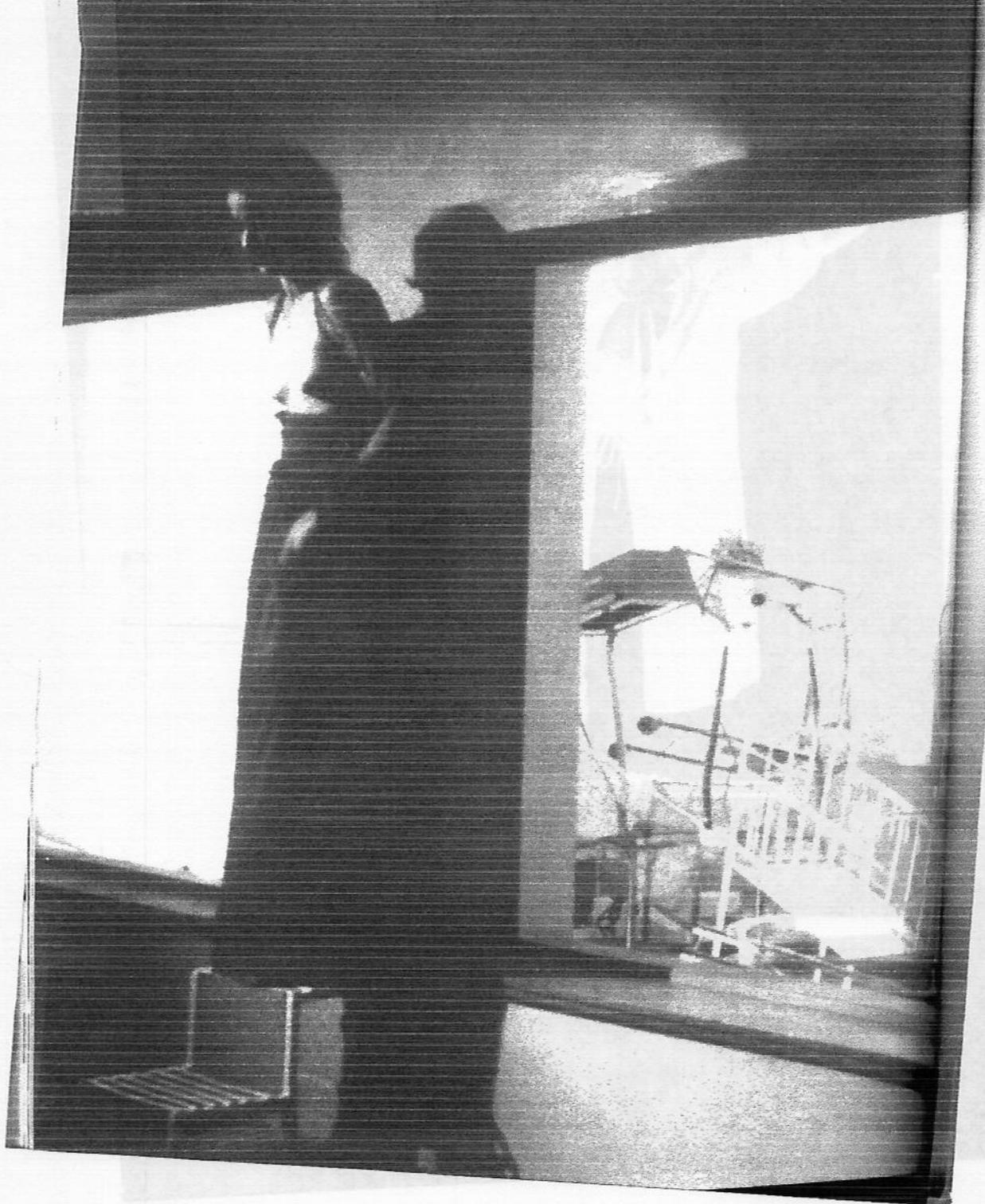
Deus me deu, Deus me tirou.

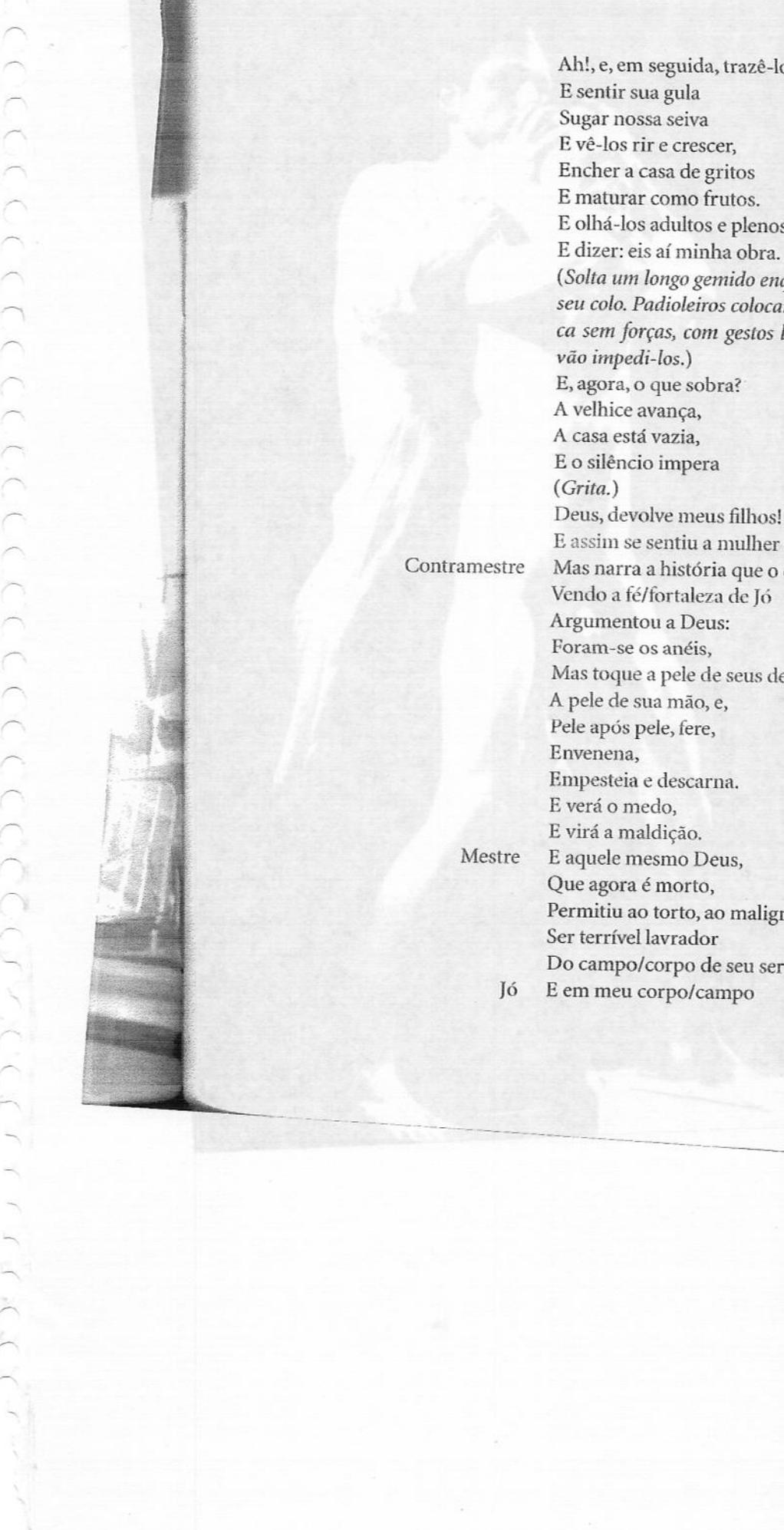
Bendito seja o nome de Deus”.

Matriarca A mulher de Jó, porém, amaldiçoou

O reto/o torto desígnio de Deus,
 Que ainda não era morto.
*(Chora sobre os filhos. É conduzida quase desfalecida pelo
 coro para defronte de Jó.)*
 E aconteceu que a mulher de Jó
 E mãe de seus filhos,
 Que agora estavam mortos,
 Enlouqueceu de dor e gritou:
 “Deus, devolve meus filhos!”
 Jó Bendito seja o nome de Deus!
 Matriarca Maldito!
 Jó Não blasfemes!
 Matriarca “Alguém terá de beber minha fúria!
 Não sou filha de sua espúria resignação!”
 Assim falou a mulher de Jó,
 E o eco maior de seu grito
 Sacudiu a terra,
 E os homens aflitos choraram.
*(Coro inicia um lamento que aos poucos vai se transforman-
 do em música, enquanto Matriarca se aproxima dos filhos
 mortos e os arrebatada das mãos dos padioleiros que se apres-
 savam em transportá-los na maca. Jó curva-se sobre si mes-
 mo lentamente, ora abraçando o ventre, ora cobrindo os
 ouvidos em desespero.)*
 Matriarca *(Abraçando os filhos.)*
 Filhos pra você são só uma noite de gozo!
 Pra nós é o estranho intruso
 Bem-vindo ao ventre,
 A potente sensação do mistério,
 O bom e farto peso
 E, no tempo findo,
 A boa dor do parto
 E a boa certeza
 Que somos deusas
 Que dão à luz vida!
(Aperta ainda mais os filhos junto a si.)







Ah!, e, em seguida, trazê-los ao peito
E sentir sua gula
Sugar nossa seiva
E vê-los rir e crescer,
Encher a casa de gritos
E maturar como frutos.
E olhá-los adultos e plenos
E dizer: eis aí minha obra.

(Solta um longo gemido enquanto olha os filhos mortos em seu colo. Padioleiros colocam os filhos nas macas. Matriarca sem forças, com gestos lentos de sonâmbula, tenta em vão impedi-los.)

E, agora, o que sobra?
A velhice avança,
A casa está vazia,
E o silêncio impera
(Grita.)

Deus, devolve meus filhos!
E assim se sentiu a mulher de Jó.

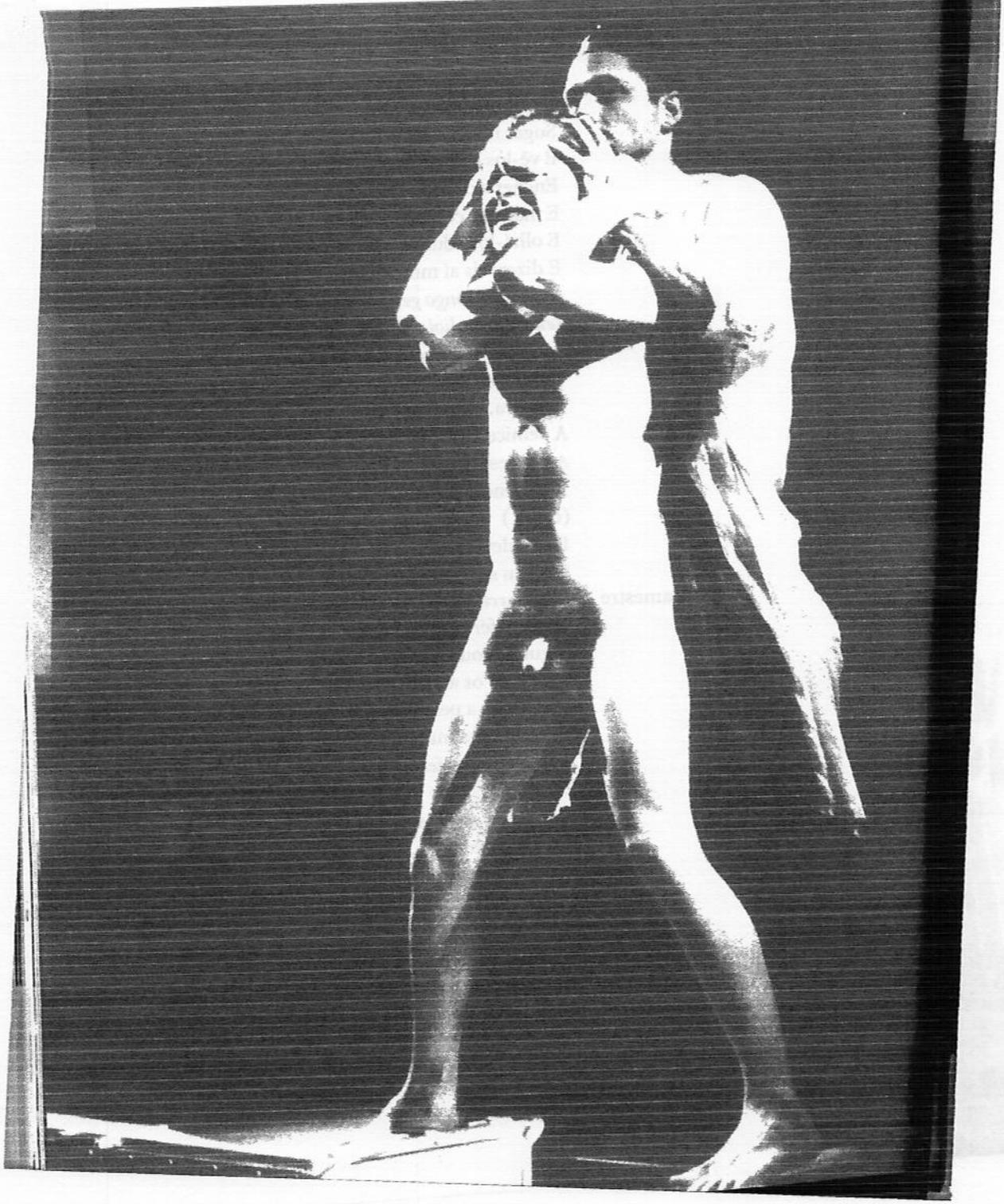
Contramestre Mas narra a história que o demônio
Vendo a fé/fortaleza de Jó

Argumentou a Deus:
Foram-se os anéis,
Mas toque a pele de seus dedos,
A pele de sua mão, e,
Pele após pele, fere,
Envenena,

Empesteia e descarna.
E verá o medo,
E virá a maldição.

Mestre E aquele mesmo Deus,
Que agora é morto,
Permitiu ao torto, ao maligno,
Ser terrível lavrador
Do campo/corpo de seu servo Jó.

Jó E em meu corpo/campo





O Mal semeou e cultivou com esmero
O grão da doença, a peste
E as raízes
De meu desespero.
E nesta minha pele— vejam!—
Brotam feridas
Tal como a terra é rompida
Pela força da erva daninha!
Das plantas dos pés ao cume da cabeça
Chagas deitam raízes e florescem
Flores malditas de sangue e de dor.
Deus, afasta de mim o maldito lavrador!

Matriarca Sua fé ainda persiste?
Que Deus é esse,
E, se existe,
Por que não ouve seu lamento?

Jó Quieta, idiota!

Matriarca Nem Deus me cala!
Minha voz é leoa ferida que caça
E procura e ruge ameaça
Ao Deus caçador de meus filhos!

Jó Não blasfemes!
Deus mudou os bens que me mandava em males,
Mas minha fé não muda.
E, enquanto o Mal cultiva a dor em meu corpo,
Minha alma clama ajuda
E não blasfema! Não blasfema!

Matriarca Sim, blasfema!

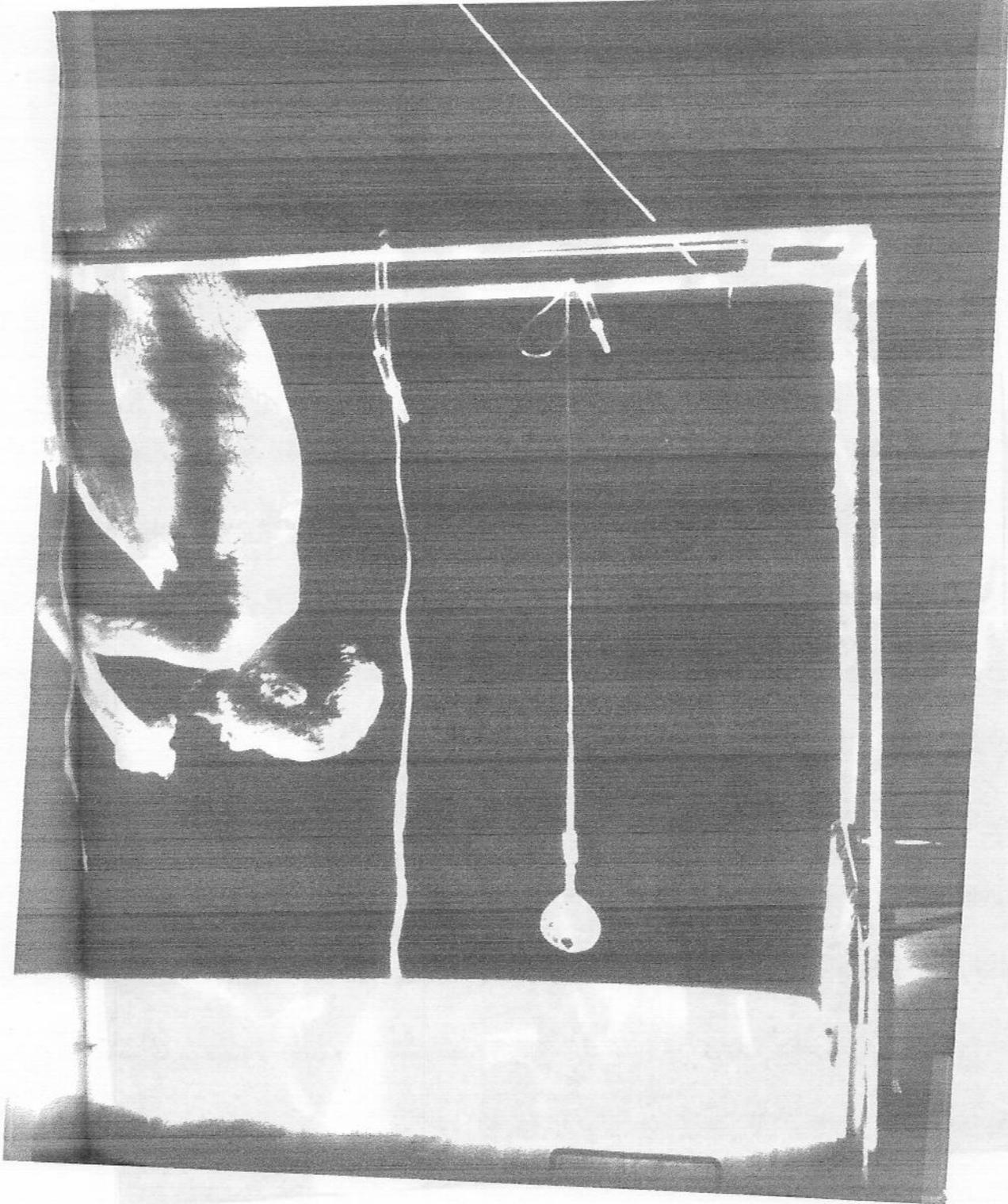
Jó Sim, blasfema! Sim, blasfema, não! Não blasfema!
Não blasfema contra o Senhor!

Mestre E assim louvou a Deus a forte fé
Do justo Jó!

Matriarca Justo?! E é lá justo
Quem se põe de joelhos
E se curva e debruça e arrasta?
Que casta de homem é essa



Que se apressa em fugir ao confronto?
Jó Posso lutar contra Deus?
Matriarca Mate Deus em seu coração!
Jó Não.
Matriarca Então, morra de vez!
Mestre E, então, a mulher de Jó se afastou.
Contramestre E, então, se afastaram os parentes, os vizinhos.
Mestre E, então, todos se afastaram da casa em ruínas.
E, então, todos se afastaram do homem em ruínas.
Jó E Jó ficou só
E olhou quieto, ao redor,
A silenciosa devastação.
E chorou, de desespero, dizem uns;
De revolta, dizem outros;
De desalento, ouvi dizer.
Contramestre E foi então que o infeliz Jó
Arrastou seu corpo doente
E sua alma deserta
Por dias, caminhos e vias
Até este lugar.
E viu dentro de si
E viu fora de si o mesmo deserto.
E sentou sobre aquela aridez
O que lhe restava de vida.
E, vejam, naquela vastidão
De areia e silêncio
Um pequeno homem
Que mudo e com um caco de telha
Coça o corpo-ferida.
Mestre E falam as Santas Escrituras
Que três amigos de Jó,
Elifaz de Temã, Baldad de Suás e Sofar de Naamat,
Saíram em sua procura.
E avistaram ao longe, contra a luz do poente,
Algo ou alguém.
E firmaram olhar





.....

E mais se aproximaram
Com medo da certeza
Que se começava anunciar.
E mais se aproximaram,
E mais uma vez
Negaram o que viam
E não reconheceram
Naquele rosto e corpo devastados
Traços do antigo Jó.
Mas, de perto,
Não puderam negar
O que inegável era.
Ali era Jó.
Vieram de longe
Para vê-lo, e viram,
E vendo choraram,
Dizem que de pena,
Dizem que de medo,
Da mão que feriu Jó.
Sentaram-se a seu lado,
E por sete dias e sete noites
Ouviu-se apenas
Um grande e longo silêncio dolorido.
(*Elifaz molha um pano numa bacia e, contendo a repulsa,
põe-se a lavar as feridas de Jó.*)

Cena 2 A Intervenção do Primeiro Amigo

Elifaz Jó?
Jó O que restou de Jó.
Elifaz Se eu lhe falar, aumento seu sofrimento?
Mestre E Jó levantou a fronte,
E se viu refletido nos olhos de Elifaz,
E talvez quase sorriu,
E talvez se aproximou,
E talvez teve ímpeto
De abraçar o corpo de Elifaz

Como se abraça o filho,
O amor, o pai, a paz.
Contramestre Mas entre Elifaz e Jó
Havia chagas e sangue,
Medo, contágio e dó.
Mestre E o que restava de Jó
Abriu a boca
E amaldiçoou o dia de seu nascimento.
Jó Perea o dia em que nasci,
E desapareça a noite em que se disse:
"Um menino foi concebido".
Esse dia seja esquecido,
E se torne trevas,
E sobre ele não brilhe luz!
Que essa noite fique estéril,
Que não penetrem ali os gritos de alegria,
Que a amaldiçoem os que amaldiçoam o dia,
Que se escureçam as estrelas de sua aurora.
Que eu fosse um aborto escondido
E não existisse agora.
Por que não morri desconhecido
Ao deixar o ventre materno?
Por que minha mãe me recebeu em seus braços,
Acolheu-me em terno regaço
E deu-me seu seio e seu leite?
Por que foram me dadas a luz e a vida?
Eu, que agora anseio pela morte,
Exultaria em ser sepultado,
Porque o meu Deus
Me cercou por todos os lados
E não me dá paz nem descanso.
E eu, apesar de tudo,
Devo ser manso
Enquanto minha alma
É um lobo agitado!
(Jó curva-se até o chão. Os três amigos choram.)

Elifaz *(Em silêncio)*

Ahhh.

Que é de sua fortaleza

Tão bem conhecida?

Jó Ele a tirou, respondeu Jó.

Elifaz Ele sabe o que faz.

Jó Sabe. Eu é que não sei por que Ele faz.

Elifaz Entregue a Deus o seu destino.

Jó Já está entregue.

Elifaz Então, seja paciente e espere.

Jó O que devo esperar além da morte

E uma nova forma de medo

A cada dia?

Será alegria

Viver mais uma semana?

Não dê conselhos sobre a dor humana

Quem não estiver

Mergulhado na mesma dor!

Elifaz *(Lendo palavras bíblicas.)*

Os justos não são exterminados,

Nem perecem os inocentes.

Aqueles que cultivam a iniquidade

E semeiam a miséria

São também os que as colhem

E, ao sopro de Deus, perecem.

Jó Deus, então, castiga

Em meu corpo meus pecados?

Elifaz Penso que sim.

Jó Eu não pequei!

Elifaz Ninguém é justo aos olhos de Deus!

A iniquidade não nasce do nada,

E é o homem quem gera a miséria.

Não despreze a lição que Deus lhe dá,

Porque Ele fere e pensa a ferida,

Golpeia e cura com as mãos.

Dos seis perigos te salva

E no sétimo não sofrerás mal nenhum.
Em tempo da fome te livra da morte
E em tempo de guerra do fio da espada.
Dará paz a tua casa...

Jó Não tenho casa.

Elifaz E filhos...

Jó Estão mortos.

Elifaz Baixarás ao túmulo bem maduro

Como um feixe de trigo no tempo certo recolhido.

Jó Apodrecido.

Elifaz *(Irritado.)*

Escuta!

Jó Ouve, você!

Minhas palavras são desvairadas

Porque levo em mim cravadas

As flechas envenenadas do Senhor.

(Elifaz termina de lavar Jó e ficará durante muito tempo limpando as mãos.)

Elifaz Não sei mais o que dizer:

Que Deus esteja convosco todos os dias.

Jó Ele estará.

Ele mora no terror que me assedia.

Contramestre E talvez Elifaz tenha beijado a fronte de Jó

Para provar a si mesmo que não existia

A repulsa que sentia pelo amigo.

Jó Ah, se o Senhor me concedesse o que espero,

Se se dignasse esmagar-me,

Se soltasse a mão que me ampara

E, como eu quero, me deixasse cair na morte,

Seria melhor sorte que esta tortura.

Vê! De novo meu corpo se cobre de chagas,

A pele avermelha, incha, rompe e supura.

(Os amigos recuam com repulsa e lentamente começam a sair.)

Ah, se eu saltasse da vida,

A terra cobrisse este corpo-ferida



E a morte fosse minha cura!

Água!

(Os amigos param.)

Que forças me sobram para resistir?

Que destino espero para ter paciência?

(Irritado.)

Água!

(Baldad leva a bacia até Elifaz. Este recusa, continuando a limpar as mãos.)

Olha atentamente:

Minha família se foi,

Meu teto ruiu,

Meu amanhã acabou.

Minha vida é um sopro,

E meus olhos não voltarão a ver a felicidade.

Por isso não calo minha língua!

(Ergue-se e fala aos céus.)

Deixa-me, pois meus dias são brisa, breve chama.

Que é a espécie humana

Para que te ocupes dela,

Para que a inspeciones a cada manhã,

A examines a cada momento?

Por que não afasta os olhos de mim

E me deixa respirar um segundo

Na paz entre meus tormentos?

Se pequei, que mal te fiz com isso,

Sentinela de homens?

Por que me tomas como alvo,

Como prato de tua fome?

Por que não perdoas meu delito,

Não deixas passar minha culpa,

Não volves teus olhos ao meu olhar aflito?

Logo a terra vai me abrigar,

E, quando eu for pó,

Vais me procurar

E já não existirei.

Cena 3 Deus É Caos

Baldad Até quando vai falar dessa maneira?

Acaso Deus é injusto?

Se você é tão santo,

Implore a Deus a sua cura!

Jó Não espero mais ficar são

Nem melhores horas futuras.

Ele não me ouvirá,

Pois, por nada, Ele me esmaga

E sem razão multiplica minhas feridas.

Baldad Sem razão?

E acaso conhece a profundidade de Deus?

Sabe o porquê de Sua santa decisão?

Jó Sei apenas que

O que perde o homem

É mais que o julgamento e a pena:

É não saber.

E não sei por que meu juiz

me condena.

As razões de Deus são obscuras.

Baldad E pode a criatura

Penetrar na razão do criador?

Jó Não sei, mas preciso!

O homem é o que o homem conhece.

Baldad Em que se transformou sua fé?

Jó Na crença de que Deus tem várias faces

E uma delas é luz.

Baldad Somos só criaturas,

E nossos dias são só uma sombra sobre o solo.

Não queira diminuir a justa distância

Que nos separa do Criador.

Jó Sou criatura,

E, se Ele cria dor,

A dor sacode e tortura.

E, porque sou criatura,

Minha boca se abre e procura

As vezes de quem não dá
Não faz mais nada
Apesar que o mundo
Vai sendo sempre
Sem mais nada

Dafydd



As razões de quem cria dor.
Baldad Não falarei mais nada.
Apenas que o junco,
Verde ainda e sem ser arrancado,
Seca antes de todas as ervas.
Este é o destino dos que se esquecem de Deus!
Jó É por não esquecer que clamo a presença d'Ele!
Baldad Chega!
Pergunta às gerações passadas:
A confiança do ímpio
Não é mais que um fiapo de ar.
Volte-se a Deus que Ele pode ainda
Encher sua boca de sorrisos!
Deus não rejeita os Seus.
Jó Eu também digo "Chega"!
Que Ele faça o que quiser
Com o que sobra de mim.
Eu já nada sei.
Se sou inocente, Ele me castiga.
Se sou culpado, por que pedir em vão?
Baldad Aceita a vontade de Deus!
Jó E posso não aceitar?
Quem me pode defender d'Ele?
Agora pouco me importa
Meu resto de pouca vida,
E minha alma louca
Quer dizer a Deus:
Explica-me. O que tens contra mim?
Acaso te agrada me oprimir
Quando sabes que não sou culpado?
Me fizeste de barro
Para me fazer voltar ao pó?
Minha forma viva
Revestiste de ossos
E com a delicadeza de teu toque
Teceste meus nervos.

Sobre mim derramaste
A água da vida
E a seiva do amor
E me recebeste em vossa casa.
Mas agora sei tua intenção:
Me quiseste ao teu lado
Para melhor vigiar meus pecados
E melhor me punir.
Ai de mim, se tivesse pecado!
Orgulhoso, como um leão, Deus me caça,
Renova Seus ataques,
Multiplica ameaças,
Redobra Sua cólera
E cobra de mim o que não devo!

Baldad Quietos, Jó!

Não aumente a fúria d'Ele!
Jó Não sei se grito ou me calo!
Se volto os olhos aos céus
Ou se me lanço ao solo.
Só sei que meu tempo termina,
E Deus extermina o justo e o pecador,
E ri do desespero dos inocentes,
E deixa a terra em poder dos ímpios!

Baldad Isso é blasfêmia!

Matriarca Não é o que se vê ao redor?
Em cada cidade?

Baldad Não tentes minha fé!

Matriarca De que nos vale uma fé sem verdade?

Baldad Não fales mais nada!

Matriarca Deus urina sobre nossas cabeças
E depois nos esquece.
Todo deus bom é um demônio fraco.
Deus é aquele que,
Com a navalha, nos corta os olhos
E nos abandona cegos
Num mundo sem estradas.

(Matriarca esquece os outros e narra diretamente ao público.)

Há anos, conheci numa praça,
Vestida de miséria, farrapos e desenganos,
Uma louca que rosnava ameaças.
E minha fé teve seu primeiro abalo.
E a louca me sibilou: o fim do mundo já começou!
Deus já chamou todos os Seus,
E nós somos a sobra.
É assim que Deus completa Sua obra.
Vem, Satã, ela gritou,
Vem, cobra das origens,
Reinar no mundo que é seu!
E, no mesmo instante, caiu de joelhos e molhou a alma
Com um choro dolorido:
Perdoe, meu Deus, a blasfêmia!
Eu creio, eu creio em Deus todo-poderoso.
Ainda tem fé?, perguntei.
Tenho de ter, respondeu.
Acredita no Céu e Inferno?
Acredita no reino de Deus na terra?
Acredita na felicidade depois da morte?
Não sei, não sei e não sei, respondeu.
Que espécie de fé é essa, então?
A louca ganiu um choro dolorido
E, como se eu fosse Deus, me fez um pedido:
Não me pergunte, não me confunda!
Essa fé torta, herege, blasfema
É a última coisa que tenho,
A única que retenho,
A última parte não perdida,
O último pouco, a última posse
Do que foi uma fé forte,
Já partida.
Me deixa crer,
Eu quero crer numa figa, numa pedra,



Numa cruz, numa estátua de santo,
Num encanto qualquer eu quero crer.
E naquela hora
Eu chorei como choro agora.

(Curva-se e chora.)

Baldad Ouvia, Jó? A fé é nosso último e melhor consolo,
E Deus, nossa última instância!

Matriarca *(Furiosa.)*

Deus vive do nosso erro,
Se alimenta do nosso desespero,
Se fortalece com nossa ignorância!
(Chora.)

A morte de meus filhos foi meu segundo e último abalo.

Jó Eu só quero que Ele
Tire os olhos de mim
E me dê um instante de alegria
Antes de partir para a terra de trevas e sombras,
Para a terra soturna e sombria
De escuridão e desordem
Onde a claridade é sombra.

Sofar Ninguém vai fazer este homem calar?
Viemos para consolar um amigo
E encontramos alguém que já não mais conhecemos.
Voltemos para que, quando Deus
Mais ferir esse blasfemo,
Não nos atinja com Sua ira.

Baldad Não fales e espera em Deus, Jó.

Jó Não mais!

Baldad Reze...

Jó Eu mesmo falarei com Deus!

Sofar Não seja arrogante!

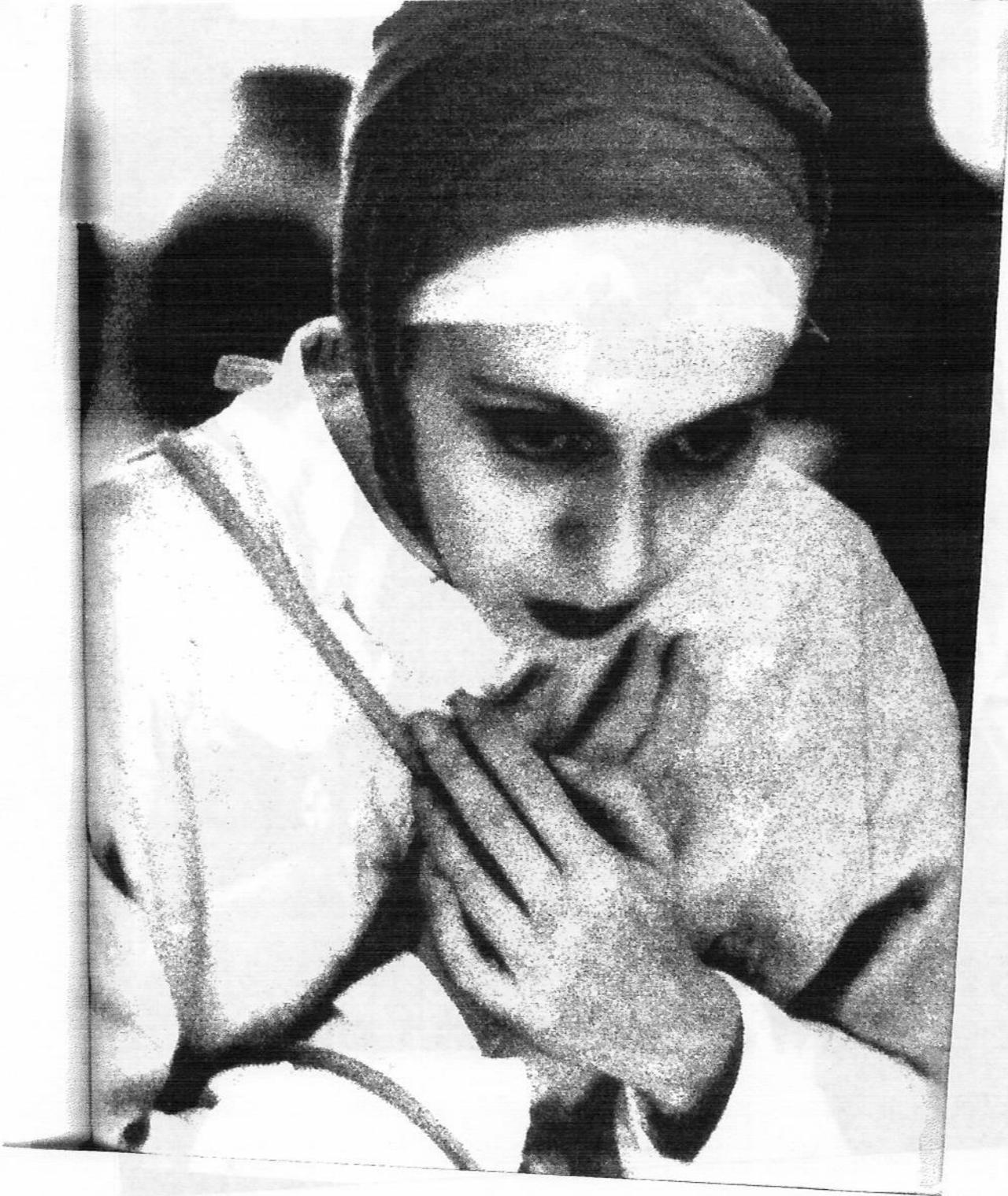
Jó Aos olhos de Deus, em que vocês são melhores que eu?

Sofar Vê alguma ferida em meu corpo?

Alguma expressão de dor em meu rosto?

Por que Deus preferiu sua pele?

Jó Não sei!



Sofar Então se cale!
Jó Quero saber!
Sofar Aceita!
Vou falar claro, Jó: seu final se avizinha.

Elifaz Sofar!
Sofar Talvez palavras verdadeiras e duras
Tragam Jó à razão!
Às vezes, ser amigo é ser pedra.
Jó, não esperes mais cura.

Jó Só espero respostas!
Baldad Não atormentes mais nosso amigo!
Sofar Não lhe trago tormento.
Apenas trago um pedido de submissão!
Não se debata, não grite.
Volte à calma,
E o silêncio de sua voz e de sua alma
Seja sua oração.

Jó Não!
Sofar Por que não morrer com a mesma sabedoria
Que foi teu brasão em vida?
Por que se agita?
Por que fazer da morte um triste espetáculo de rebeldia?
Apague-se a chama da vida sem rancor
E não atormente os que são vivos
Com sua dor!

Jó Você tem medo.
Sofar Tenho! Tenho medo de que o dedo de Deus
Também me alcance
E me corte, queime e corroa
Como espada, fogo e veneno!
Medo de que Deus, à noite,
Habite meus sonhos
E me prepare desgraças,
Escondido no dia que vem.
Por isso me recolho e oro
E não ousa levantar meu olho.

Deus é vendaval, e nós, apenas pó.
Por isso, não semeie ventos,
E que seus lamentos
Não agitem o ar.

Jó Cale e acolha a vontade de Deus!
Acolho, mas calar, não calo!

Quero respostas.
Quero saber se a face
Que Deus oculta
É igualmente terror.

Sofar Não corra o risco! Aceite a morte que Deus lhe envia!

Baldad A misericórdia divina...

Jó Não quero misericórdia, quero justiça!

Sofar Aceita, Jó!

Elifaz Quem é você para exigir?

Jó Sou só um homem

A quem o desespero dá coragem,
E ponho minha carne entre meus dentes,
E levo nas mãos a minha vida
E luto, pois não tenho alternativa!

Sofar Aceita, Jó!

Matriarca Agora fala o Jó que conheci!

Baldad Aceita, Jó!

Jó Só te peço, Deus,

Que afastes de mim a tua mão
E não me amedrontes com o teu terror.
(Sofar se prostra, assustado.)

Depois, então, me acusa,

E eu te respondo,

Ou eu me queixo,

E tu explicarás tua ação!

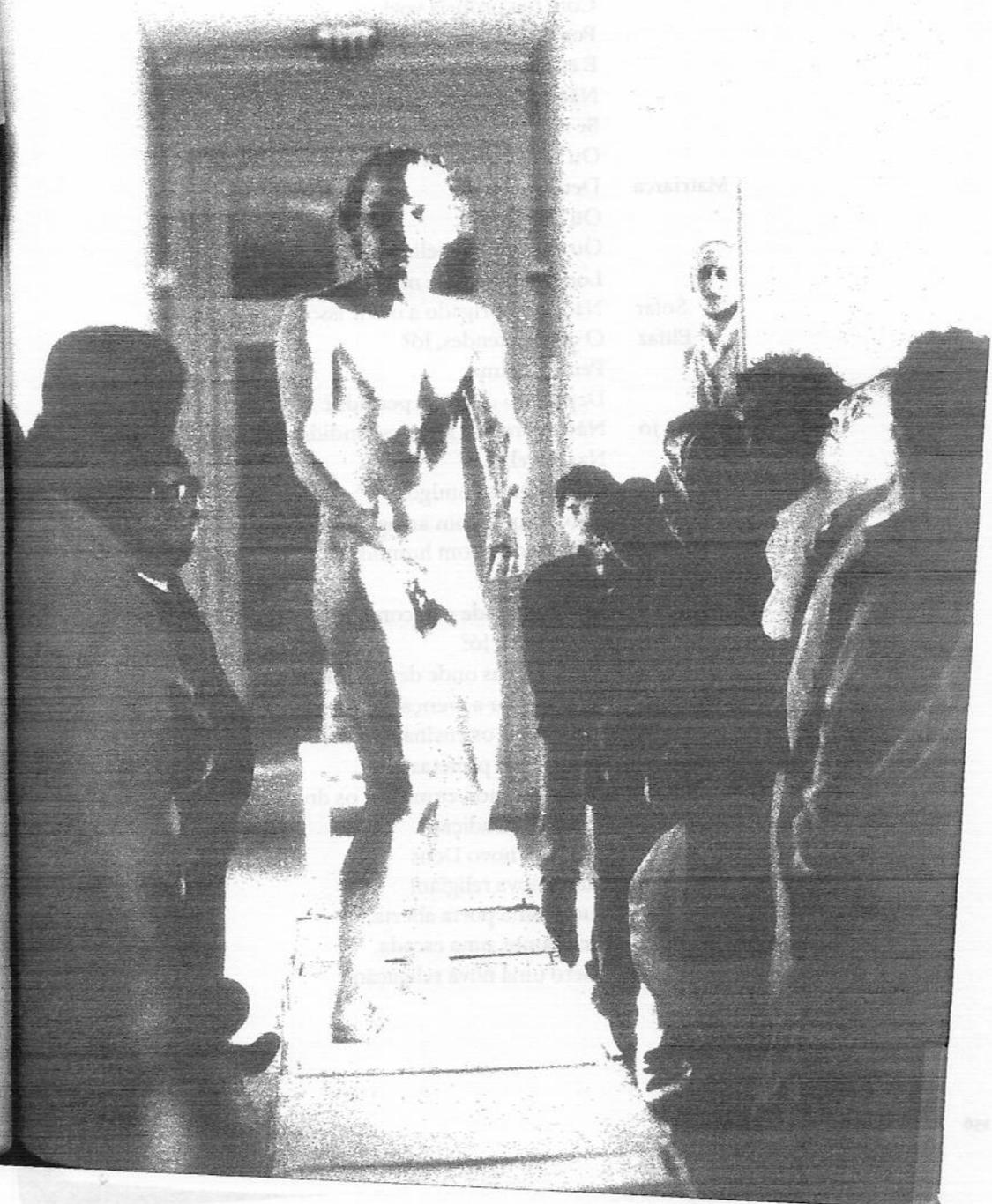
Baldad A doença o enfraqueceu!

Elifaz As feridas o deixaram louco!

Sofar Seu castigo não vai demorar!

Matriarca Silêncio! Deixem o homem lutar!

Jó Quantos são meus pecados e minhas culpas?



Prova meus delitos!
Responde a meu grito
Com tua própria voz!
Por que me tratas como inimigo
E escondes tua face?
Não me deixa perguntar
Se não te vejo porque sou cego
Ou se de fato aqui não estás!

Matriarca Deus não está,
Ou está morto,
Ou encontrou melhor refúgio
Longe de nós e de nossa miséria!

Sofar Não sou obrigado a ouvir isso!

Elifaz O que pretendes, Jó?
Perder a alma
Depois do corpo já perdido?

Jó Não quero um Deus escondido
Nas estrelas.
Quero Deus comigo.
Não porque, com arrogância, exijo,
Mas porque, com humildade, preciso!

Sofar *(Irônico.)*
Sua humildade não combina bem com sua fúria.

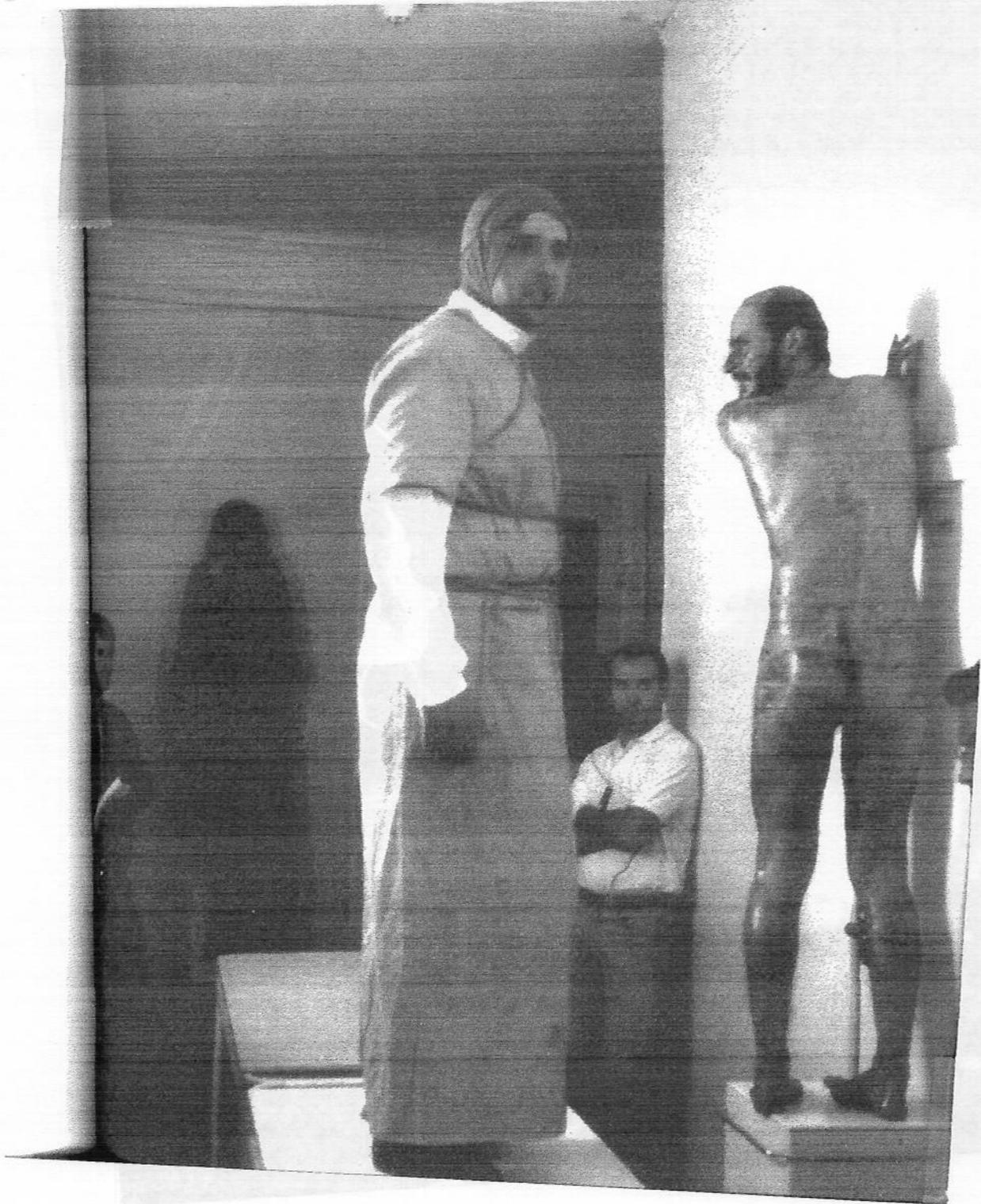
Elifaz O que quer, Jó?
Dizer a Deus onde deve habitar?

Baldad Quer mudar a crença?
Questionar os ensinamentos,
Desdizer os profetas?

Elifaz Mudar os ritos, combater os dogmas,
Romper a tradição?

Sofar Quer um novo Deus
E uma nova religião!

Jó Quero uma porta aberta,
Uma ponte, uma escada.
Quero uma nova religião.





Cena 4 O Último Abalo na Fé

Mestre E a mulher de Jó
Talvez tenha tomado Jó pela mão
E talvez tenha falado:

Matriarca Levante os olhos de suas feridas, Jó,
E olhe uma chaga maior.

Jó O que devo ver?

Matriarca *(Fazendo um gesto que abarca toda a área de representação.)*

Os homens e o mundo!

(O hospital se transforma num caos de loucos, doentes, pedintes. Os discursos e gestos dos amigos de Jó serão só figuras de retórica, ritos repetitivos de uma fé perdida. Coro inicia uma série de músicas pretensamente religiosas alegres e graves. Num canto, Baldad, com a Bíblia aberta, inicia a pregação para um diminuto público.)

Baldad O que nos diz o Livro Sagrado? Isaías, capítulo 1, versículo 28: "Os rebeldes e os pecadores serão destruídos juntamente, e aqueles que abandonam o Senhor perecerão".

Sofar *(Abençoando num tom monocórdico.)*

Benedicat vos omnipotens Deus. Ex ore infantium, Deus, et lactentium perfecisti laudem propter inimicos tuos. Vox in Rama audita est, ploratus et ululatus: Rachel plorans filios suos, et noluit consolari, quia non sunt.

Elifaz *(Portando um estandarte indefinível numa das mãos e carregando na outra uma pedra ou outro símbolo qualquer. Repete constantemente a mesma frase. O clima torna-se de um fanatismo irracional. Gritos, palmas, vivas, coro.)*

Desça o espírito e incendeie minha alma, e viverei além do limite prescrito.

Jó *(Que junto da Matriarca assiste à cena.)*

Deus torna estúpidos os conselheiros da terra,
Tira o juízo aos chefes de um país
E os deixa errar num deserto sem estradas,
Cambaleiar nas trevas sem luz...

Matriarca Ele faz mais. Enlouquece uns pela ação sangrenta,

Enlouquece outros pela mansidão.

(Parte do coro inicia também a cantar uma melodia diferente. Um tenta sobrepujar o outro. A disputa torna-se violenta, e os dois coros se engalfinham. Os amigos de Jó continuam a pregar e abençoar. O chão se enche de mortos. Os mortos cantam um lamento triste e grave.)

Mortos A paz está na morte.

A vida é um sonho sem razão.

Jó *(Grita.)*

Parem! Loucos! Que fé é essa?

Que Deus é esse que vocês reverenciam?

Que Deus é esse que vive de sua loucura?

Sofar

É a mesma dura mão,

O mesmo duro Deus,

Que sua boca impura clama.

Jó

Não, que meu Deus é outro fogo,

É outra chama.

Vocês são três embusteiros

Que se dizem advogados de Deus.

Suas lições são cinzas,

E suas defesas, defesas de barro.

Vão embora!

Prefiro por companhia o silêncio

E por amigo a solidão.

Mestre

E a mulher de Jó

Talvez tenha se aproximado

E segurado o rosto daquele que foi homem

E foi seu,

E talvez tenha perguntado:

Matriarca Se teu Deus é o mesmo louco deus deles,

De que te adianta?

Se não for, onde teu Deus se esconde?

Por que te fere?

Por que desfere golpes sem sentido?

Jó Não sei.

Matriarca Eu sei.

Deus não é,
Deus não há.
Está morto,
E não temos a quem orar.

Jó Se Deus está morto,
O que há agora em Seu lugar?

Matriarca *(Acariciando Jó.)*
Apenas a mão humana
E o que ela pode moldar.
Existe só o sonho humano
E o que ele pode inventar.

Jó Se Deus não há,
Acabou nossa procura,
E ninguém nos cura
De nossa louca insensatez!

Matriarca Se Deus há,
O homem é esse Deus
E, dentro de si,
Carrega seu próprio veneno
E sua própria cura!

Jó Olha ao redor
A dor, a loucura, o caos
Que ocupam o lugar onde Deus não está.

Matriarca Olha teu corpo e o teu desespero,
Que é onde crês que
Deus deve estar!
(Jó mantém silêncio alguns instantes.)
Se Deus não há, estamos sós.
Mas, se Deus me feriu e matou nossos filhos,
Clamo a Ele.
Se Deus não há,
A quem clamar?

Matriarca Não há a quem clamar!

Jó Se não há,
O acaso matou nossos filhos.
Nossas raízes estão fincadas no ar,

E nos abatem tempestades sem sentido
E imprevistos vendavais.

Matriarca Sim!

Jó Não! Somos deuses cegos

Que, à beira do abismo,

Marcham com a segurança

Que nos dá nossa pretensão!

Vá. A fé não se explica com a razão,

A fé não se explica,

A fé é.

Matriarca Louco!

(Matriarca, abatida, é retirada pelo coro da área de representação.)

Jó *(Enquanto Matriarca sai.)*

Enlouqueceu!

Coro *Vox in Rama audita est, ploratus et ululatus: Rachel plorans ilios suos, et noluit consolari, quia non sunt.*

Cena 5 A Absurda Fé de Um Homem Só

(Os três amigos se aproximam de Jó.)

Jó Distância!

Chega de perguntas e acusações.

Deixem-me só com o que sobra de mim!

Tirem os olhos de mim!

Eu quero a paz,

A branca bruma da paz final!

A terra vai se abrir

E me fazer dormir

Sem sonho, som, sol e dor.

Vem, torpor final: a morte.

Baldad Não enquanto não purgar sua culpa!

Jó Não sei qual foi meu pecado!

Baldad Deus sabe!

Jó Então que Ele me diga!

Baldad Quer que Ele te dê satisfação do que faz?

Jó Sim, porque o que Ele faz, Ele faz comigo!

Baldad Vou ler algumas palavras do Livro...
Jó Não quero palavras!
Baldad São palavras de Deus.
Jó Eu quero Deus!
(*Enquanto Baldad lê, Jó se prostra e se deixa ficar.*)
Baldad A luz do ímpio se extingue,
E a luz em sua casa se apaga.
A desgraça instala-se a seu lado,
A enfermidade consome sua pele
E devora seus membros,
E, enquanto ele implora,
Suas raízes secam,
E murcham seus ramos,
Seu corpo e seu nome desaparecerão da terra,
Sua descendência não sobreviverá,
E o que foi dele será pó,
A inutilidade do pó,
O esquecimento do pó,
Como se nunca ele tivesse existido.
Esse é o final de quem
Não reconheceu a Deus!
Jó E Jó elevou o rosto a Sofar.
Sofar Deus não me quer ao seu lado
Como cúmplice de seu pecado,
Como comparsa de um pecador, disse Sofar:
Daqui mesmo faço minha oração.
Jó Elifaz!
Elifaz Tenho medo de Sua maldição,
Terror da mão que te feriu, pensou Elifaz.
E, com dó, com asco e dor,
Afastou-se, dizem, e chorou!
Jó (*A Baldad.*)
Por favor!
Ninguém é forte bastante
Para acabar só.
Quem me ajuda a fazer a travessia

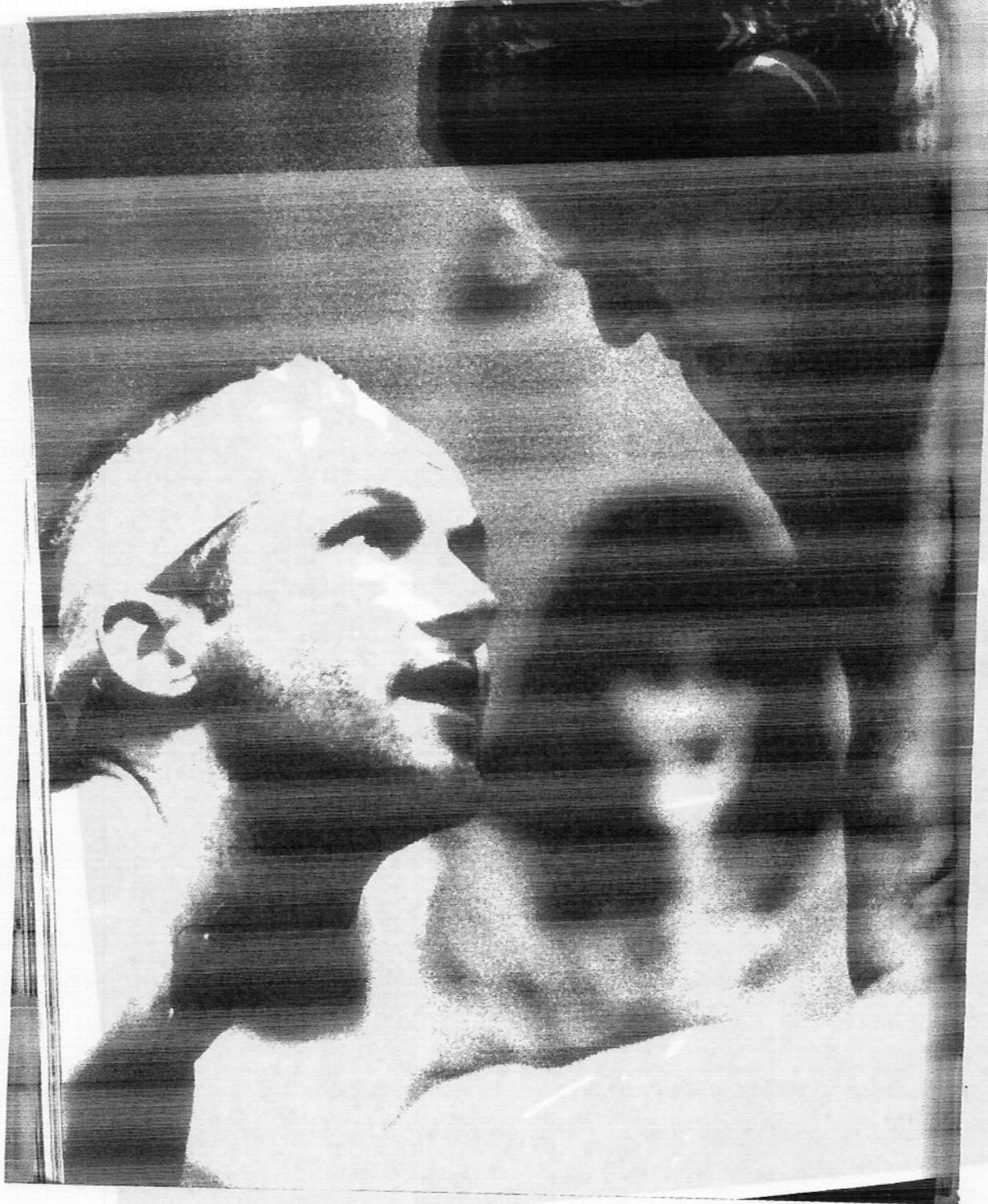


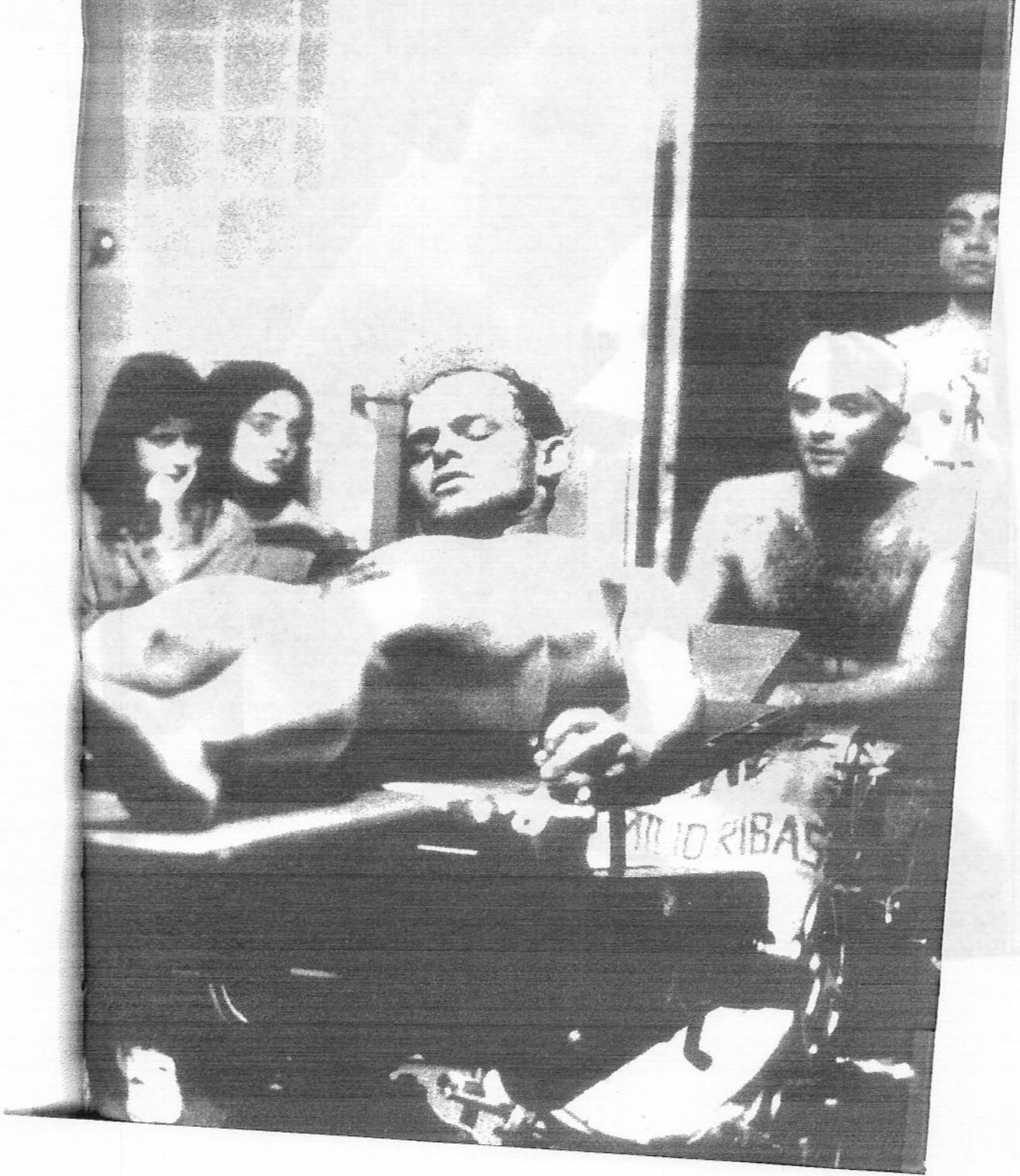
Baldad Pra onde não brilha a luz?
Não sei se posso,
Não sei se gosto,
Não sei se quero,
Não sei.

Contramestre E Jó sentiu-se só em todo o universo,
E em sentimentos diversos
Sua alma cindiu-se.
E lamentou:

Jó Ele afastou de mim os meus irmãos,
Os meus parentes procuram evitar-me.
Abandonaram-me vizinhos e conhecidos,
À minha mulher repugna meu hálito,
E até as crianças me desprezam.
Debaixo de mim, minha carne apodrece,
E os meus ossos se desnudam como os dentes.
Piedade, piedade de mim, amigos meus,
Que me feriu a mão de Deus!
Por que vieram então?
Para à vista do castigo que me é imposto
Melhor sentirem o gosto
De estarem sãos?
Se sentirem mais amigos do Criador?
E se sentirem mais santos
Ao me olhar como pecador?
Não pequei. E, se Deus tem a vossa semelhança,
Se Deus é o de vossa crença,
Então Deus, de fato, morreu
Sem deixar profeta nem herança.
Vão embora, porque,
Para minha esperança,
Não estou só.
O causador do meu desespero está vivo:
Meu Deus vai levantar-me do pó!









Ouve o estrondo de sua voz!

Jó Você é a voz de Deus?

Eliú Eu sou só o sopro, a brisa.

Após virá o trovão e a tempestade.

Quem suportará seus raios

E beberá sua chuva?!

Ninguém responde?

(Aos amigos.)

Nem vocês que tanto falam em nome de Deus?

Homens de frouxa fé, esmagada por ritos sem sentido,

cânticos sem alma e orações sem poesia!

(A Jó.)

Nem você que clamou a presença d'Ele?

(À Matriarca.)

Nem você que era fúria?

Matriarca Não respondo a quem não ouve,

Não suplico a quem não há.

Deus só existe em nosso medo,

E os que aqui estão são só arremedo

De homens, anjos decaídos

Conformados com sua condição!

Baldad Jó, faça sua mulher calar!

Eliú Eu faço calar a vocês

Porque há mais fé nessa mulher

Que em vossa religião!

Sofar Temos as Escrituras.

Eliú Quem tem fé não são os livros,

É o coração.

Deus vomita os mornos!

E quer paixão quando se afirma,

E fervor quando se faz a negação!

Ah! A frágil fé vai ser varrida,

E os peitos serão descarnados

Pelas garras divinas

Até deixar à mostra o coração.

Jó! Ainda quer a presença de Deus?

Jó Quero! Não morto em palavras
 Nem escondido em estátuas.
 Quero Sua viva presença.

Eliú Alguém mais quer habitar a tempestade?
 Quem mais ousa gritar aos raios?!
 E com raiva humana
 Desafiar a outra ira-fúria?!

Sofar *(Prostra-se.)*
 Que Deus me poupe,
 Que a flecha de Seu olho não me atinja,
 Que o fogo de Seu toque não me alcance!

Eliú Que outra criatura quer ajustar contas com o Criador?!
(Os outros se afastam. Matriarca queda-se muda.)
 Quem mais quer queimar os olhos
 Aos raios de Sua luz?
 Quem mais quer se expor
 à força/afago de Sua mão?

Matriarca Eu quero apenas que tudo termine.

Mestre Contam os que crêem que Deus brota da terra quando se
 espera que desça dos céus.

Contramestre Que é chuva quando se procura a chama.

Mestre Que é pedra quando se espera um rosto.
*(Eliú aproxima-se de Jó e toca seu peito. Jó entra em convul-
 são. Elifaz o acode.)*

Elifaz Ele morre. Alguém me ajuda.

Sofar A mão de Deus!

Eliú Aos que esperam que Deus apareça num carro de fogo,
 Ele navega no sangue das veias.

Matriarca Que a morte seja sua paz!

Jó *(Com esforço, aos céus.)*
 Não vou morrer antes de Sua resposta, Senhor!

Eliú O insensato ousa ir mais fundo?

Jó Que Ele me quebre, sangue e descarne,
 Mas que eu veja Sua face.

Matriarca Desiste e descansa, Jó, que sua busca não o leva a lugar
 nenhum!



gar



Eliú Sua alma é sua palma,
Sua vida é sua vela,
Seu corpo é um barco,
Um porto e o descanso dela.
(*Jó se debate sem controle.*)

Baldad Não posso mais ver isso!
Sofar Ele agoniza.
Matriarca (*Chora e pede.*)
Alguém lhe dê a paz da morte e do esquecimento!

Elifaz Alguém lhe dê a mão,
Um remédio que acalme seu tormento!

Eliú Deixe, que Deus fala é no meio da tempestade,
No seio do trovão,
No entremeio do raio e do vendaval
Que sacodem o veio do coração!

Elifaz (*Desesperado.*)
Quem é esse Deus?

Eliú É aquele que fala por minha voz.
Jó (*Debatendo-se.*)
É aquele que retira a luz dos ímpios
E quebra o braço rebelde,
Entra pelas fontes do mar
E passeia pelo fundo do abismo!

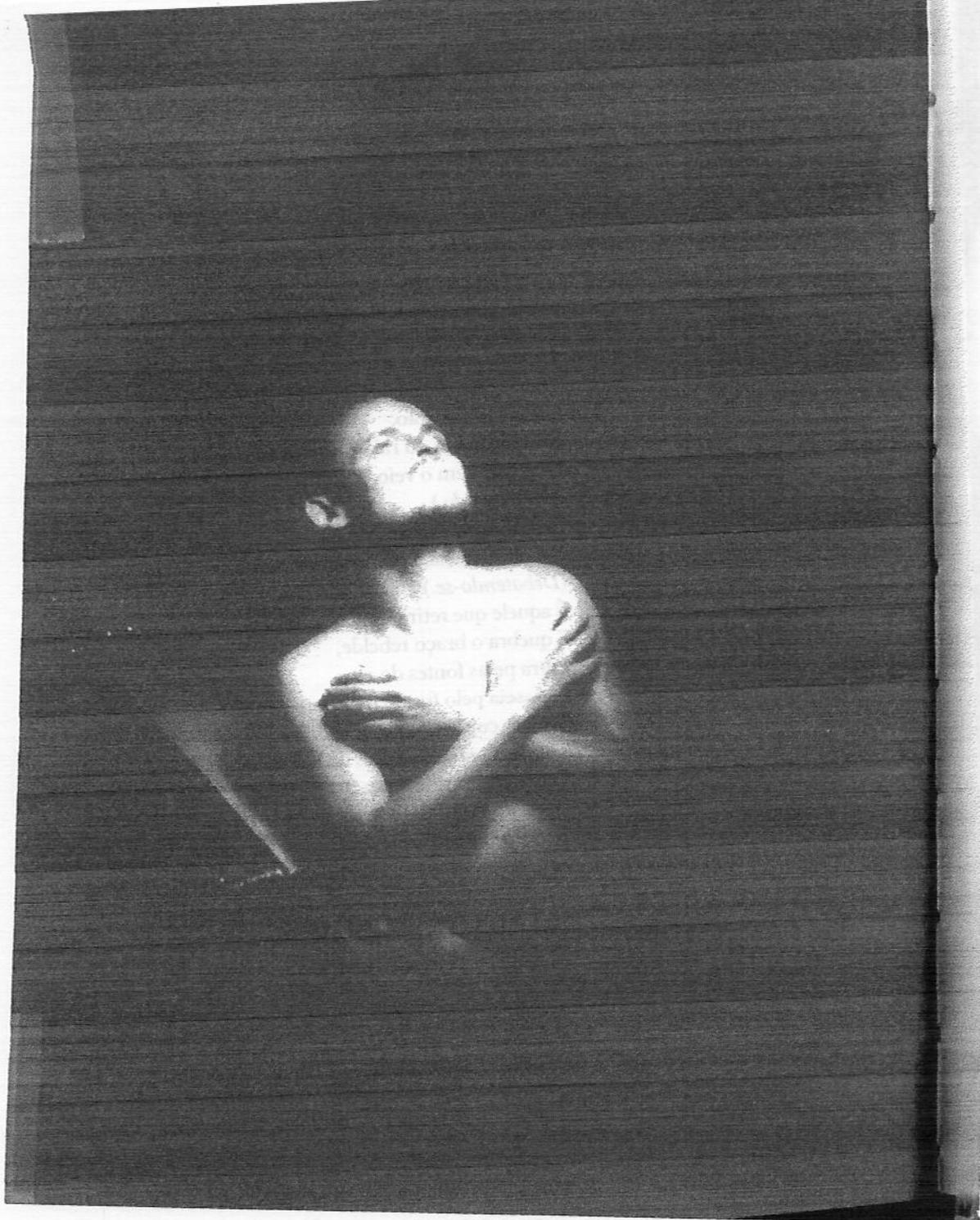
Eliú É quem conhece as leis dos céus
E impera sobre as águas da terra.
É quem domina a força bruta das feras
Que o homem não consegue amansar!

Jó Deus é a semente que brotou em meu peito,
A águia que se gerou em meu ventre!

Eliú As raízes que perfuram seus músculos,
As garras que partem seus ossos!

Jó (*Transfigurado pela dor.*)
A vida é um parto,
E o homem, o ventre de Deus!

Baldad A dor o enlouqueceu!
Elifaz Fala coisas sem sentido.



Jó É a águia com garras de bronze
E plumas de orvalho
Que rompe meu peito
E nasce e voa.
O que foi vendaval agora é brisa,
E o sopro de Deus ressoa
Em meus ouvidos.
(Jó se paralisa.)

Baldad Ele delira.

Elifaz Jó?!

Jó Sua face são águas,
E sua fúria agora dorme,
E Ele se derrama sobre mim.
(Ergue-se.)
E Jó triunfa
Sobre a fraqueza, doença e dor.
Deus é, Deus há,
E minha fé não me faltou.
(Jó permanece ereto, quase triunfante, apesar da debilidade física.)

Sofar Deus o curou?

Baldad Bendito seja o seu nome!
(Aproximam-se de Jó. Subitamente, Jó emite um gemido e cai. Matriarca abraça Jó.)

Matriarca Às vezes invejo a fé cega
Que não responde perguntas
Mas dá um sentido à dor.
Jó é mais um morto meu.
Mas eu só creio em vivos,
Só creio em filhos.
Meu Deus morreu.
(Levanta-se deixando Jó e, lamentando, dirige-se ao fundo. Coro acompanha seus lamentos.)

Mestre E para os que crêem Deus aqui se manifestou, desceu e habitou o homem.

Contramestre E para os que não crêem a doença enlouqueceu Jó desde

o princípio de nossa narração. E Jó viveu sonho e delírio sem, até a morte, recuperar a razão.

Mestre E para os que crêem, depois desses acontecimentos, Jó ainda viveu.

Contramestre E para os que não crêem a história acabou.
E a mulher de Jó peregrinou
Por revolto mar
E fez de si própria seu porto
Até naufragar.

fim